

cooperam na sua produção como não sujeito. Quando Regina, em busca do "moderno", diz que gosta de Yoko Ono, ela tem consciência de que o marido que defende o "tradicional" vai reagir. "Mas ela joga." Vem a cena de violência na qual "a 'violação' do corpo significa: ela não mais se pertence. Essa é a ruptura que prepara outro movimento em que os dois se ligam - agora, em acordo, na busca do prazer" (p. 182). Além das considerações sobre um querer consciente da cena, sobre a cooperação da vítima, a autora procura entender o significado desses "rituais privados que se repetem cotidianamente". No caso da Regina, haverá depois da cena "um novo enlace no qual a diferença entre os dois convergirá para estimular o prazer."

Concordo com a sua postura, mas tenho ainda algumas questões. A narrativa de Regina poderia ser contraposta àquelas que se referem à ausência de prazer sexual ou à obrigação de "servir" o marido na cama, buscando a marca da socialização na negação de uma sexualidade propriamente feminina, ou melhor, definida pelas próprias mulheres, e não pelo imaginário masculino do que seja o "feminino".

De que sexualidade está falando Regina? De que prazer? Da sexualidade e do prazer sexual que, na nossa sociedade, estão definidos em termos masculinos, ou seja em termos de virilidade, conquista, dominação, posse?

Antes de abrir o livro, detive-me nas ilustrações de sua capa, atraída pela atmosfera íntima,

cotidiana, e confortavelmente burguesa que sugeriam. Observei essas pequenas fotos repetidas de fragmentos de cenários domésticos. O canto de uma estante com dois pares de sapatos arrumados lado a lado. Os dele, aqueles clássicos, de amarrar; os dela, uns *escarpins* branco-e-pretos, daqueles que acompanhavam os *falleurs* acinturados dos anos 50. Acima de uma cama desfeita (do casal, será?), uma janela está entreaberta (a quais devaneios?), suas cortinas de renda semicerradas. Na cama desfeita, cujos travesseiros têm fronhas com bico de renda, foi largada uma boneca vestida à antiga. Pequenos vasos de plantas ornaram o beiral de um basculante onde seca um pano de prato quadrilado; na mesa, um buquê de flores. Ordem serena e promessa de prazer assegurados por uma dona de casa portadora de todas as características de um feminino imaginário tradicional: prendada porém sedutora, ligeiramente infantil mas que sabe cuidar dos outros, uma mulher "bem feminina". Uma das inúmeras facetas do feminino que habitam **untas** em mim, em você leitora, em vocês leitoras.

Num país (dependente?) em que tudo é referido ao que está fora dele, ao que acontece no "Primeiro Mundo", àquilo que ele não é, como se fosse impossível suportar a sua cara, só podemos nos congratular com o livro de Maria Filomena Gregori que nos ajuda, feministas, parafraseando Cazuza, a olhar a nossa cara.

DANIELLE ARDAILLON ■

Risco de vida

As Rotas do Norplant. Desvios da contraceção.

ISRAEL, Giselle, DACACH, Solange.

Rio de Janeiro, (s. ed.), 1993.

O medo de engravidar, problemas com o DIU e a pílula, ignorância, falta de informação, pobreza e negligência caracterizaram os testes com o Norplant, o anticoncepcional à base do hormônio levonorgestrel em forma de bastão que é implantado sob a pele da mulher e faz efeito durante cinco anos. O "jeitinho" brasileiro

mais uma vez funcionou e, com suas doses de improviso e irresponsabilidade, provocou danos irreversíveis em boa parte das mulheres que se submeteram a esses testes. Para refrescar a memória de quem comemorou, no Natal de 1990, a liberação do Norplant pela rigorosa Food and Drug Administration (FDA) dos Estados Unidos como método seguro e saudável de evitar filhos, a socióloga Solange Dacach e a médica sanitária Giselle Israel reuniram num livro de 125 páginas, meio documento, meio panfleto, os números da experiência brasileira com o anticoncepcional. Elas mostram que, no caso do Norplant, o que seria bom para os Estados Unidos foi desastroso para o Brasil.

Gráficos, estatísticas nacionais e internacionais, tabelas, documentos, formulários, leis, portarias, a correspondência trocada entre autoridades da área de saúde, fotos, depoimentos de mulheres submetidas aos testes e até uma divertida poesia de cordel que ataca os métodos e idéias de um certo *Dr Es Crotinho*, diretor do suspeito *C'est pas* - em referências diretas ao médico baiano Elismar Coutinho e seu Centro de Reprodução Humana (CEPARH) - transformam *As Rofas do Norplant - Desvios da Contracepção* numa espécie de Manual do Norplant, um daqueles livros que pretendem esgotar determinado assunto. A abordagem das autoras demonstra, no entanto, objetivos claros de criticar o método que, entre outras coisas, deixa as mulheres nas mãos dos médicos que têm o poder de colocar e retirar os bastões do anticoncepcional numa quase cirurgia. As autoras não se preocuparam em provar por que o *Norplant deu certo em boa parte dos países* em que foi testado mas basta o confronto das condições de teste e aplicação em alguns lugares - como, por exemplo, a Indonésia, onde 500 mil mulheres tiveram o contraceptivo implantado no braço - para se saber porque no Brasil não podia mesmo dar certo. Nos EUA, país que "inventou" o Norplant, a FDA só regulamentou seu uso depois de acumular subsídios com as experiências com o anticoncepcional realizadas, obviamente, em países do Terceiro Mundo.

Responsáveis pela pesquisa "Norplant... cinco anos depois", financiada pela W.E.M.O.S. (Women and Pharmaceuticals), Solange e Giselle fazem uma radiografia do uso do Norplant e da atuação das organizações - governamentais ou não - que defendem programas de planejamento familiar num balaio em que se misturam, entre outros, Banco Mundial, Organização Mundial da Saúde, Bemfam e muitos milhões de dólares. Também essas organizações não escapam às críticas feitas no livro que explica as dificuldades para se estabelecer o valor terapêutico do contraceptivo e seus efeitos secundários nefastos. Uma droga contraceptiva não é um agente de cura, pois gravidez não é doença. Sua utilização, portanto, não sendo terapêutica, escapa a alguns controles das autoridades de saúde. Isto é, das autoridades de saúde que se interessam pelo assunto.

Não foi esse, no entanto, o caso do Brasil, um dos oito países escolhidos para que fossem realizados, a partir de 75, os ensaios clínicos com o Norplant em "mulheres voluntárias". O grifo é do livro que sugere uma escolha não tão alea-

tória de mulheres pobres com pouco ou nenhum conhecimento do que significa implantar no corpo doses maciças de um hormônio capaz de torná-las estéreis por cinco anos. O Centro de Pesquisas e Controle das Doenças Materno-Infantis da Universidade de Campinas (Cemicamp) sentiu-se "fazendo um favor" ao Ministério da Saúde ao assumir a responsabilidade pela pesquisa no Brasil, o que pode ser comprovado pela correspondência enviada à Dimed. Na pesquisa com o Norplant, dispensou-se até mesmo a apresentação, às mulheres que se prestaram aos testes, de um Termo de Conhecimento de Risco, modelo adotado pelo Ministério da Saúde em qualquer pesquisa com produto novo no país. O encarregado da pesquisa autorizada pelo MS era um ginecologista chileno que, descobriu-se mais tarde, não tinha registro no Conselho Regional de Medicina e acabou substituído pelo Dr. Aníbal Faúndes

O livro mistura fatos, depoimentos e documentos para traçar a rota no Brasil do Norplant cuja "história geral" começou na década de 60 quando as pesquisasse voltam para a tentativa de introdução de um contraceptivo de longa duração. Com a bênção do Population Council, instituição internacional com sede nos Estados Unidos que financiou as pesquisas do Norplant, a Leiras Pharmaceuticals, Indústria da Finlândia, ganhou a licença para sua fabricação. Em 89, o PC estimava em 355.000 o número de mulheres em que os bastões de silicone do Norplant haviam sido implantados.

As autoras tomam partido e admitem isto. Explicam, por exemplo, porque preferiram deixar de lado os dois caminhos para a pesquisa social apontados por Robert K. Merton no livro *Sociologia, Teoria e Estrutura* (1968). Para Merton, a atual teoria sociológica alterna dois pontos de vista opostos: o dos sociólogos que formulam leis sociológicas partindo do alcance e da demonstração das generalizações e o do grupo intrépido dos empíricos radicais que não buscam com muito empenho as implicações de suas pesquisas embora tenham certeza absoluta da exatidão do que dizem.

As autoras optaram pelo método da "parcialidade consciente" defendida por Maria Mies no trabalho *Por uma metodologia feminista de pesquisa*. Essa parcialidade é obtida através da identificação parcial com os objetos da pesquisa, uma "visão de baixo para cima" do pesquisador em relação aos objetos pesquisados e tem uma dimensão ético-política sem perder a dimensão científica. "Impossível ser neutra,

cada vez mais impossível, na medida em que se desvendam as rotas traçadas por esse contraceptivo e seus "estragos" no corpo das mulheres", admitem as autoras.

Sem perder o valor como documento, *As Rotas do Norplant* transcreve uma boa dose de emoção, desespero e arrependimento confidados nos depoimentos das 52 mulheres entrevistadas pelas autoras em sua pesquisa realizada em 90/91. As 52 entrevistadas moram no Rio de Janeiro e fazem parte do grupo de 301 mulheres que se submeteram aos testes com o Norplant feitos pelo Centro de Pesquisas de Assistência Integrada à Mulher e à Criança (CPA/IMC) e pela Sociedade Civil do Bem Estar Familiar no Brasil (Bemfam). A maioria é pobre e vive em favelas ou em bairros da periferia e admitiu que buscou no Norplant um último recurso antes da laqueadura.

Através desses depoimentos, a maioria dramática, fica-se sabendo que as mulheres que se submeteram a esses testes não tiveram suas condições clínicas avaliadas dentro dos menos exigentes critérios internacionais. Muitas receberam o Norplant apesar de serem portadoras de diabetes, epilepsia, obesidade

severa, hipertensão arterial e outros 10 casos de doenças ou deficiências. Quanto ao acompanhamento, dadas as condições econômicas e sociais das mulheres envolvidas nos testes, não é de se estranhar as consequências - distúrbios de menstruação (84% dos casos), aumento de peso, acne, enxaqueca, irritabilidade, depressão, dispnéia, perda da libido e distúrbios sociais e de comportamento.

As primeiras denúncias sobre os efeitos colaterais do Norplant no Brasil começaram em meados da década de 80 quando boa parte das mulheres que traziam no corpo o contraceptivo já deveriam tê-lo retirado. Sem negar o envolvimento emocional com as mulheres ouvidas na pesquisa e admitindo a parcialidade nessa reportagem sobre o anticoncepcional, as autoras encerram *As Rotas do Norplant - Desvios da Contracepção* - que começa como livro didático e poderia virar documento se não derrapasse para o emocional - sem tirar algumas dúvidas. Como, por exemplo: onde andam essas mulheres e onde anda o Norplant no Brasil e no resto do mundo?

ANGELA REGINA CUNHA ■

A representação feminina na ópera

A Ópera ou a Derrota das Mulheres

CLEMENT, Catherine. (tradução de Rachel Gutiérrez).

Rio de Janeiro: Rocco, 1993, 260p.

- Tenho pena dela.

Em Pélleas et Mélisande - ópera de Debussy extraída da peça homônima de Maurice Maeterlinck - a heroína Mélisande é, sem dúvida alguma, de todas as que o bel-canto nos tem apresentado, aquela cercada de maior mistério. O príncipe Golaud a encontra no bosque, como uma ninfa, e é com algum esforço que lhe consegue saber o nome. Sobre suas origens, nada se conhece. Nem sua idade. Ela diz pouco, nunca se revela. Mas é Mélisande - essa personagem tão distante e que guarda consigo tantos segredos - que, ao final da ópera, prestes a morrer, aponta, com suas últimas palavras

dirigidas à filha recém-nascida, para o destino trágico e quase sempre fracassado que tem sido reservado à maioria das mulheres durante o correr dos séculos:

- Tenho pena dela.

Mélisande se apieda porque de antemão não lhe vê saída. Como às outras, não lhe será dada a liberdade de gerir a própria vida, traçar seu rumo e proceder, com desenvoltura, à escolha do homem amado. Presas a padrões sociais que cerceiam, subestimam e inibem sua capacidade de decisão, basta que se arrisquem um pouco ou que se insurjam contra quaisquer das regras que determinam o procedimento feminino, para que estejam invariavelmente fadadas à derrota. A derrota das mulheres. Assim é na vida. Assim se faz na ópera.

Catherine Clément, jornalista e filósofa francesa, é, sobretudo, uma amante do espetáculo lírico, em tudo o que ele possa encerrar de fascínio e sedução. Desde o próprio cerimonial que envolve a ida do espectador a uma casa de ópera. "Entrar na ópera. Transportar, um após outro,